UMA PALHÊTA QUE VIVE

(JOÃO BAPTISTA DA COSTA)

A determinação typica dos artistas pelos caracteres physicos ou physignomonicos está invalidada pelas contraprovas.

Lucien Arreat num excellente livro, que já não é novo, intitulado *Psychologie du Peintre*, demonstra a insufficiencia documental do processo para segurança do resultado.

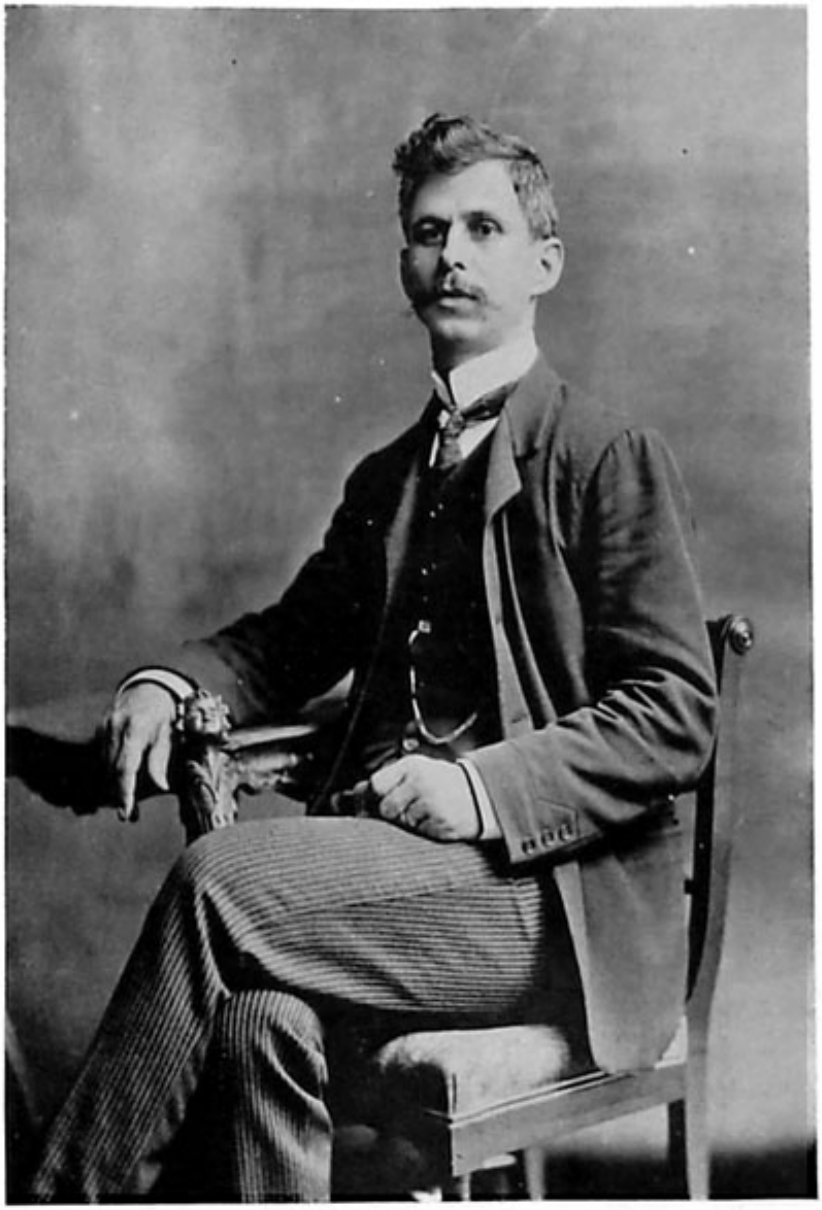
Mas, o que parece fóra de duvida, pelo menos aceitavel, por frequencia das coincidencias, é que as tendencias esthéticas do artista se manifestem por traços exteriores ou por feições particulares.

Quem investiga os caracteristicos physicos e lhes conhece a significação, os que lêem as linhas estructuraes do semblante e as taras chirognomonicas, encontram uma similitude entre a producção e o productor que se impõe á impressionabilidade e ao attendimento do analysta.

Nos paizagistas, singularmente, essa caracterisação é apreciavel, constata-se de modo tão frequente que chega a ser digno de nota. Não sei se isso resulta da expontaneidade da paizagem que, agindo sobre a faculdade emotiva mais amiudadamente que os assumptos de figuras e sendo mais trabalho de sentir e externar que o de idealisar e exprimir, dá ao artista um typo caracteristico ou se provém do meio em que elle exerce sua arte. O que é, porém, verdade é que essa identificação existe ou parece existir.

Attenda-se a fórma das mãos, o schema da visagem de cada um delles, compare-se essas particularidades com a contextura de suas obras, a maneira porque são pintadas, a escolha predilecta dos motivos, a emoção que traduzem, e ter-se-á, como num espelho a imagem do seu auctor. E não precisaremos buscar, á distancia, exemplo que nos baste. Tomemol-o nesse mesmo Baptista da Costa.

Elle tem o queixo anguloso dos fortes, a testa curta e quadrada dos obstinados. No seu typo ha alguma cousa de rustico, de não artificialisado. A indicativa da sua corporatura é a de um camponio que estudou latim no Seminario, e a sua dextra, que lhe é mão dos



pinceis, possue a dureza ossea das mãos activas e as nodosidades assignaladoras do pensamento. Isto pelo que respeita ao arcabouço. Ponha-se-lhe, agora, neste feitio solido d'homem singello, uma timidez de maneiras que se avisinha da esquerdice, e se lhe comprehende a doçura nostalgica dos olhos escuros, onde se lhe percebe a alma dolente de só e resignado, hu-

milde e boa, mas d'essa incomparavel bondade christã que envolve seres e cousas no mesmo affago e no mesmo perdão.

Bem se lhe notando a feição dos trabalhos ella participa da sua solidez, da sua singelleza e da sua bondade.

São tres condições importantes numa obra de arte, que as condensa em firmeza d'execução, em sinceridade expressiva e poder communicativo. A obra assim feita é vivida, é intensa e duradoura.

Estudadas essas tres componentes da sua obra, cada qual de per si, encontra-se, pelo que respeita á solidez — a sua maneira firme de pincelar, a densidade de suas tintas e a exactidão dos valores.

Baptista da Costa chegou a esse resultado á custa de tenacidade, conquistou a sua téchnica lentamente. Acompanhei-o, ha alguns annos, atravez da sua obra, vi-o aturdido com a multiplicidade dos detalhes do *natural*, estonteado com a confusão dos valores no *ar livre*. Luctava, então, por simplificar o que via, ora tentando pela côr o que lhe falhava no desenho, ora substituindo por *massas* o que a habilidade não conseguia na reproducção do fôfo e tufado das fórmas. E' uma lucta desesperada, que só bem n'a sabe quem já se encontrou de palhêta e pinceis em frente á natureza!

Para que um pintor chegue a "justeza do toque" a ponto de não perder, com a idéa de acertar, o effeito geral do assumpto, é preciso um continuo, aturado, por vezes exhaustivo exercicio. E' por isso que os tres grandes mestres da paizagem, Huet, Rousseau e Corot (esse tambem João Baptista, Jean Baptiste Camille Corot) affirmaram, com o exemplo, a necessidade de viver no campo, de estar vigilante ás modificações rapidas dos effeitos, de observar constantemente o aspecto da vegetação sob a direcção da luz, de estudar conscienciosamente a forma propria, caracteristica, indicativa de cada arvore, que é o *caracter das cousas* de que falla Ruskin.

Lento e persistentemente Baptista da Costa entrou na posse d'esse segredo. De exposição em exposição o seu valor avultava. O desenho tornava-se-lhe familiar, o lapis obtinha sob o impulso de seus dedos vigores e delicadezas; os pinceis docilisavam-se ao movimento do pulso.

E não havia imagem que elle não retivesse com facilidade. Veio-lhe, por esse tempo, o amor á paizagem de contorno, as *vistas*, corcovas de montanhas, extensões de valles, restingas de praias...

Datam d'essa época as suas exposições parciaes, mais assiduas. Uma infeliz viagem á Europa fechou-lhe este periodo. Parece que as duas horriveis punhaladas, que a desventura lhe vibrou no coração, influiram muito na sua arte. A partir d'esse máu tempo a sua emotividade sensibilisou-se, levou-o a observar mais cuidadosamente a Natureza, a procurar nella o que pungia na sua alma. E pouco a pouco seus pinceis foram dizendo nas telas o que os campos, os montes, as rochas, lhe transmittiam á esthesia.

Para tanto não se lhe negava a palhêta, que é fertil em vivos tons tropicaes. Ah! os seus verdes são bellos; estendem-se em todas as mauças, desdobram-se orchestralmente em toda variedade da sua gamma. Da composição dos verdes participam largamente os amarellos, com que joga habilmente. O amarello é uma tinta que domina a nossa paizagem, mistura-se em quasi todos os meios tons luminosos, expande-se, victoriosa, nos claros rasgados pelo sol. Onde ha luz ha amarello. E' a diluição do sol. Ha frondes que, no mais intenso azul cobalto do céo, são irritantemente amarellas. E é todo o chromatismo da fusão, desde o jaldo offuscante até o óca soturno, desde o vitellino que estrelleja a ramaria florente dos capoeirões até o açafroado, dos cajueiros, o barrento — agua dos sapês, o pardo-sepia dos velhos coqueiraes...

Tambem claros e intensos saem da sua palhêta os vermelhos e os azues, que se combinam em gradações subtis, e lhe dão os recursos imitadores da immensa tinturaria da Natureza.

Senhor da palhêta, que lhe pende do pollegar sinistro sobre o braço em curva, como senhor do lapis com que traceja o espaço a encher, e marca os pontos a salientar, a sua obra sae expontanea como se lhe modulam na bocca as expansões sinceras dos seus sentimentos.

Nenhuma preoccupação de agrado o move nem o aconselha. Elle pinta o que sente, externa o que o commove, reproduz o que o impressiona, indifferente á opinião do publico. D'ahi o deserto de muitas de suas paizagens, quando, bom pintor de figuras como é, as poderia animar, emprestando-lhes a graça commum dos fazedores de genero que embasbacam os roliços burguezes transformados em amadores.

Prefere o artista cahir nos desdens convencionaes da critica facciosa, que alardêa sabença sem affirmar criterio, e no desagrado do farto amador libra-esterlina, do que ceder a sinceridade da sua emoção ás

exigencias snobicas da chatice peravilha e pedante, que faz a craveira sensacional d'uma época.

A sua obra, porém, impõe-se aos que têm o necessario cultivo de arte, aos dotados de instinctos esthéticos, e aos delicados de gosto. Ella é verdadeira e sã, não se orna de pretenções, que são affeites, nem procura illudir por artificios. Tem como a natureza do seu auctor, a sinceridade da singeleza, a força de si propria, o commedimento dos seus processos de expressão, que se deriva da timidez, da modestia de quem a produzin. Por isso representa o que deve representar, sem espalhafatos de colorido, sem *épatantes* golpes d'espatula nem espéta nervos com borrões d'empastelamentos.

Honesta, vence pela verdade; sincera, conquista por seu proprio valor. Se não incorrer em coima, por inopportuna, a comparativa dos merecimentos, eu direi que a considero, com o desconto de proporções, como a obra de Theodore Rousseau. Não fará revoluções, não agitará uma época, mas tem, sobre as que conseguem os faceis triumphos da moda, o merito das que atravessam gerações, e ficam em qualquer tempo admiradas e bem queridas.

E isso, porque a obra de Baptista daCosta não encerra, unicamente, as qualidades materiaes das pinturas bem feitas; ella communica-se, attrae a retina e vae á alma de quem a olha.

As suas paizagens, animadas ou vazias, mostram-nos mais alguma cousa do que a reproducção approximada da Natureza em dados momentos e diversos pontos, exprimem uma emoção, traduzida de um modo que é particularmente do seu auctor, commovem-nos tambem, obrigam-nos a participar dos seus encantos, do seu aspecto claro e todo dourado de sol, da sensação fresca de suas manhãs, da soalheira de seus areiaes d'agrestidade de seus rochedos, da tristeza de seus pôres de-sol. A sua arte arrasta-nos ao seu scenario, prende-nos no seu ambiente, leva-nos a participar da emoção de seus typos, seja nas horas dolorosas d'aquella scena de quarto onde uma creança morre, seja sob o céo vespertino d'esse *Fim de Jornada*, que é, contrariando frageis opiniões oppostas, uma obra vigorosa e emotiva.

E' que esse poder emana da intensidade com que é feita, communica-se pela sinceridade que a anima e que a sobreleva nesse meio estonteado de pinturas para *cabarets* e de estampas illustrativas para monographias psychiatras.

Ella affirma-se fortemente pela seriedade de seus processos, permanece integra dentro da vacillação das correntes esthéticas, porque não é producto ephemero dos dictames de um capricho, e ha de atravessar as edades serena e forte como seu auctor tem atravessado a vida, a despeito da desventura e dos insuccessos, e ficará bem collocada, bem digna, entre as obras realçadas dos pinacothecos do futuro.

GONZAGA DUQUE.